Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

Repertório Didático

Título
Povos Indígenas em São Paulo
Autores
Cássia Analla Vilela (NºUSP: 11285681) e Isabela Zangrossi (NºUSP: 8574332)
Objeto de Conhecimento
História dos povos indígenas, Interculturalidade
Objetivos
Propiciar que os alunos da disciplina de Sociologia do segundo ano do Ensino Médio se apropriem da temática da presença dos povos indígenas na cidade de São Paulo, compreendendo desde o processo de colonização brasileira até os dias atuais. Espera-se que o público-alvo seja capaz de compreender um breve histórico da posição dos indígenas na, e para, a formação da cidade paulistana; as questões que envolvem a presença de indígenas vivendo no contexto urbano; os movimentos de resistência indígenas em prol da garantia de seus direitos; e o incentivo ao respeito e à diversidade cultural dos povos no Brasil. Trata-se, portanto, de uma abordagem sociológica da questão em vista de desnaturalizar ideias do senso comum que são arraigadas pelo pensamento ocidental dominante.
Duração
1ª Atividade: História da cidade de São Paulo e violência contra os povos originários **Duração:** Três aulas de 45 minutos

2ª Atividade: Ser indígena e viver na cidade
Duração: Duas aulas de 45 minutos e uma visita à Terra Indígena Jaraguá.

3ª Atividade: Estudando a questão indígena por meio dos museus paulistas: visita ao Museu de Arqueologia e Etnologia e Tour Virtual pelo Museu das Culturas Indígenas
Duração: Um dia de visita ao MAE e duas aulas de 45 minutos.

Metodologia

Objetiva-se que o conteúdo seja trabalhado de maneira transversal, com o uso de ferramentas digitais, recursos visuais e interações com produções culturais e artísticas a fim de tratar da complexidade da temática por meio de variadas perspectivas. A presente proposta apresenta alternativas às práticas didático-pedagógicas convencionais, não se limitando ao formato de aulas expositivas restritas ao espaço das salas de aulas. As aulas serão expositivas com a metodologia de aula ativa, de modo a valorizar a participação e a reflexão crítica dos alunos do conteúdo a ser estudado. O docente é instruído a atuar como um mediador dos debates quando necessário, sem cercear a autonomia dos alunos.

Recursos necessários

Computadores ou notebooks; Internet; Reprodutor de conteúdos eletrônicos (TV smart, projetor/Data Show…); Apresentações eletrônicas (PowerPoint, Google apresentações, Canva…); Sistema de som/caixa de som; Lousa; Canetão e/ou giz; Apagador; e, no caso de algumas atividades, recursos financeiros para Deslocamento; Alimentação e/ou Contratação de Serviços.

Roteiro

Importante desenvolver uma estratégia para o desenvolvimento das atividades previstas no repertório didático, com um texto de suporte.

1ª Atividade: História da cidade de São Paulo e violência contra os povos originários

Aula 1

Para a primeira aula, sugerimos um breve período expositivo e tempo para

diálogo entre docente e alunos. Com a finalidade de contextualizar a presença indígena na cidade de São Paulo, desde a formação da cidade até os dias atuais, a aula deve ter início com uma retomada dos conhecimentos dos alunos sobre o processo de colonização vivenciado pelos povos indígenas no Brasil. É importante que sejam destacadas algumas violências étnicoracias sofridas por eles, como o genocídio, o etnocídio e a escravização.

A cidade de São Paulo teve seu início em um lugar chamado *Inhapuambuçu*, nome tupi que se refere à sua geografia, uma posição estratégica no topo de uma colina, próximo à junção dos rios Anhangabaú e Tamanduateí, onde hoje se encontra o Pateo do Collegio. Povos falantes da língua Tupi, como os tupinambás, tamoios, carijós e tupiniquins, habitavam esse local que era tido como um território sagrado. A presença dos povos indígenas na região revelou sua importância estratégica e a relação entre indígenas e colonizadores foi fundamental para a conquista, uma vez que o conhecimento geográfico dos indígenas facilitou sua conquista e exploração. Além disso, os invasores aproveitaram-se dos conflitos entre os povos originários deste território para se apresentar como aliados de certas etnias e lutar contra outros invasores, holandeses ou franceses, por exemplo. Vale destacar a importância deste contexto para a formação dos tecidos urbanos que conhecemos hoje, uma vez que os antigos caminhos indígenas, também conhecidos como *peabirus*, tornaram-se as principais rotas da cidade.

A presença dos povos indígenas e seus conhecimentos estão profundamente ligados à história de São Paulo. No entanto, o desconhecimento de suas culturas, línguas e até mesmo de suas existências revela uma narrativa histórica predominantemente eurocêntrica em uma cidade que homenageia os escravizadores como heróis e nega o direito à vida e ao pensamento daqueles que divergem dos interesses dominantes.

Partindo da mesma premissa, a questão do etnocídio, apagamento e esquecimento das culturas das populações originárias, foi outra forma de extermínio desses povos. Um modelo disciplinar utilizado pelos projetos coloniais para dominar os povos indígenas incluiu a eliminação de palavras de origem indigena e a proibição de que os falantes das línguas indígenas a usassem. Por exemplo, quando o Diretório dos Índios proibiu, no século XVIII, a utilização da língua tupi. Isso consolidou o português como a língua oficial da colônia e demonstrou a imposição de um padrão cultural predominante sobre as culturas nativas.

Para além do extermínio físico causado pelos europeus, o aluno deve ganhar ciência de que a criação de um imaginário por parte do que seria “ser indigena” também faz parte da subjugação das cultura originárias desse território. A imagem de um indigena genérico, com lanças, cocares, restritos à vida em florestas densas e remotas, corrobora para uma imagem equivocada desses povos e para um apagamento da diversidade cultural entre eles. Em um país com mais de 305 etnias e 274 línguas indígenas (Censo, 2010), essa pluralidade deve ser estudada e respeitada.

Terminada a parte expositiva, o professor poderá sugerir para os alunos, como uma lição de casa, o acesso ao site: https://pib.socioambiental.org/ , cujo a página inicial apresenta um agrupamento de diversos povos indígenas brasileiros, em que o aluno pode interagir e clicar no nome e abrir uma página contando um pouco mais sobre eles, com elementos como história, localização e língua da população escolhida. O site também disponibiliza filtros para cada estado brasileiro, de modo que o docente pode sugerir como atividade para casa que os alunos escolham um entre os povos listados de São Paulo e façam uma breve reflexão escrita sobre eles.

Aula 2

A aula almeja discutir propriamente o tema dos povos indígenas vivendo em cidades, seja em territórios indígenas ou em contexto urbano, principalmente em uma metrópole com as dimensões da cidade de São Paulo. Propomos que o docente inicie a aula abrindo espaço para que os alunos respondam a algumas questões provocativas:

- **Como você descreveria uma pessoa indígena (roupas, moradia, gostos, trabalhos, etc)?**
- **Como você imagina um indígena morador da cidade de São Paulo? E nos dias atuais?**

Será uma oportunidade de abrir espaço para a reflexão crítica e desnaturalização do olhar dos alunos para esses povos. O professor deverá mediar o debate e anotar os pontos chaves das falas dos alunos na lousa. Em seguida, o docente deverá dialogar sobre os elementos destacados pelos alunos, intervindo caso apareçam ideias preconcebidas e do senso comum, resgatando a todo tempo que estes ideais foram construídos e enraizados desde que se iniciou o processo de colonização.

Ao se pensar na chegada dos indígenas à cidade de São Paulo e na chegada da cidade de São Paulo aos indígenas, é preciso colocar em pauta a discussão da garantia dos direitos dessa população e as suas reivindicações por políticas públicas que reconheçam a pluralidade de modos de ser e estar dos povos indígenas no Brasil. Exemplo disso são as reivindicações dos direitos à educação, assistência especial, saúde, trabalho, moradia e/ou território. A luta por parte desses direitos pela população indigena, aldeados na cidade ou vivendo em contexto urbano, deve ser apropriada pelos alunos, assim como, o conhecimento de que apesar da garantia pela Constituição, esses direitos não são sempre representados.

Como isso em perspectiva, sugerimos que o professor passe o seguinte vídeo:

Titulo: 'Esse lugar também é meu': Indígenas denunciam preconceito nas cidades brasileiras
Duração do vídeo: 14 min e 55 seg
Link: 'Esse lugar também é meu': Indígenas denunciam preconceito nas ci…

O vídeo traz elementos e questões muito pertinentes à vivência dos indígenas em diferentes cidades brasileiras, demonstrando as violências e preconceitos vividos. O professor poderá reservar um tempo após a apresentação para discutir com os alunos sobre suas impressões do conteúdo assistido e retomar a atividade inicial da aula que abordou o imaginário da figura de um indivíduo indigena por parte dos alunos, agora questionando se o que foi visto no vídeo se assemelha ou se distancia do que os alunos pensavam.

Aula 3

Dando continuidade na questão indigena urbana em São Paulo, sugerimos que a aula seja ministrada no laboratório de informática, de forma que os alunos consigam acessar a internet com seus devidos computadores. Nessa aula,

propomos que os alunos se apropriem dos recursos tecnológicos e façam suas próprias consultas aos dados e mapeamentos propostos. O professor trabalhará em conjunto com os alunos, dando as instruções necessárias, tecendo comentários sobre os conteúdos visualizados e levantando questionamentos.

O primeiro recurso será o site do IBGE, com o mapa interativo do Brasil. São dois recursos possíveis, que podem ser encontrados pelos links:

1) ttps://censo2022.ibge.gov.br/panorama/mapas.html?localidade=&recorte=N3;
2) https://censo2022.ibge.gov.br/apps/pgi/#/mapa/.

Em ambos é possível que os alunos vejam os dados do Censo 2022 de formato mais dinâmico, podendo adicionar camadas que informam a respeito da população indigena. Conforme o manuseio, o docente poderá solicitar que os alunos se atentem a determinados dados e falem suas impressões. Para endossar a discussão, sugerimos também que o professor indique o acesso dos alunos ao Panorama do IBGE sobre as novas informações coletadas sobre os povos indigenas: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39932-noticia-censo-22-indigena#:~:text=Os%20resultados%20do%20Censo%20Demogr%C3%A1fico,07%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20nessa%20faixa

Um outro recurso de georreferenciamento que pode ser utilizado é GeoSampa: https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#. Um sistema de referência cartográfica administrado pela Prefeitura Municipal de São Paulo e disponibiliza diversas opções de camadas de dados que podem ser georreferenciadas em um mapa interativo de São Paulo. No caso da nossa temática, há uma camada para o mapeamento dos territórios indígenas em SP. O GeoSampa é de fácil acesso e compatível com diversos navegadores. Essa atividade dos alunos é pensada não somente para a autonomia deles frente ao conteúdo, como também, para contribuir para o letramento geográfico dos alunos e sua aproximação com o assunto discutido. O ato de poder ver os dados no mapa de sua própria cidade contribui para a identificação e desconstrução de ideias de que os indígenas são restritos a áreas remotas ou à Amazônia, que podem também habitar o urbano e desenvolverem novos modos de vida. Assim como, que essa inserção não anula sua identidade e identificação enquanto indígenas.

2ª atividade: ser indígena e viver na cidade

Dedicando-se de modo mais detido a duas populações indígenas habitantes de São Paulo, os Guarani Mbya e os Pankararu, essa atividade pretende aprofundar as especificidades e diferenças entre dois diferentes povos e duas diferentes concepções de território.

Aula 1

A aula deve ter início com um questionamento aos alunos:

1) Alguém já viu uma pessoa indígena na cidade de São Paulo?

2) Alguém sabe algum povo que vive na nossa cidade?

É importante ressaltar que vivem na cidade de São Paulo, nos tempos atuais, muitos tipos de populações indígenas: pessoas migrantes (ou imigrantes) que não vivem em comunidades, pessoas (migrantes ou imigrantes) que vivem em comunidades ou aldeias e pessoas que estão em processo de retomada de sua identidade indígena. Nesta aula, no entanto, dedicaremo-nos a apenas uma população: os Guarani Mbyá, das Terras Indígenas Tenondé Porã e Jaraguá, e os Pankararu do Real Park.

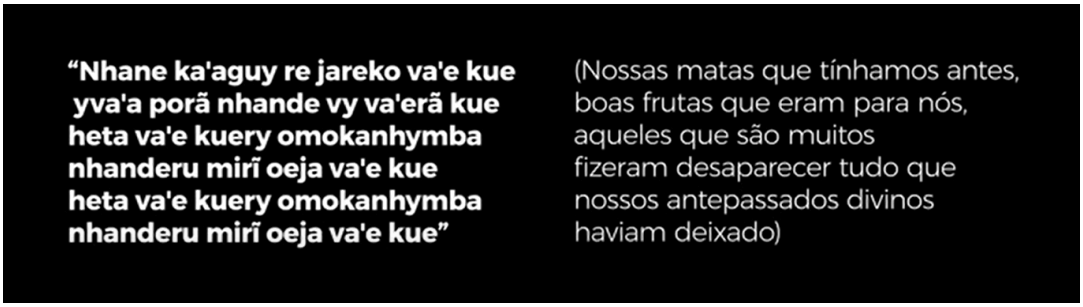
A principal diferença entre esses povos é que enquanto um tem como seu território originário a Mata Atlântica, o outro é um povo indígena migrante do interior do estado de Pernambuco. Os dois povos vivem dentro e em relação com a Metrópole, mas enquanto os Guarani Mbyá vivem principalmente em aldeias, os Pankararu vivem em uma comunidade urbana na região do Real Park, antiga Favela da Mandioca, na zona oeste da cidade. A Terra Indígena Tenondé Porã está localizada no extremo sul da cidade de São Paulo e é um território de 15 mil hectares já declarados, e em processo de demarcação.

Aldeia Guarani Tenondé Porã. Foto: Jose Cordeiro/SPTuris

Recomendamos a exibição do Filme *"O Futuro da Memória",* com parte das filmagens realizadas na Aldeia Kalipety, uma das aldeias na TI Tenondé Porã.

O Futuro da Memória - Contramemórias | Aldeia Kalipety e Terreyro Coreo…

O Futuro da Memória mostra um pouco do dia-a-dia do povo Guarani Mbyá em sua aldeia, a rotina de plantio e colheita e revela que a cidade de São Paulo é composta por povos com modos de vida muito diversos daqueles que compartilhamos em nosso cotidiano escolar. Além disso, a maior parte dos Guarani Mbyá têm a língua guarani como língua materna e costumam relacionar sua grande capacidade de resistência, que os permite viver tão perto da cidade, a sua grande força espiritual.



canto guarani traduzido no filme *O futuro da Memória*

É importante questionar os alunos sobre o que eles viram no filme que quebrou suas expectativas e se eles sabiam que havia povos indígenas vivendo na cidade de São Paulo. Eles já tinham visto pessoas Guarani? Sabiam que eles falam outra língua? Sabiam que alimentos que consumimos no nosso dia-a-dia

como batata doce e milho são alimentos tradicionais guarani? E a música guarani, já tinham ouvido? Acharam muito diferente da música ocidental? Em seguida, deve-se provocar uma análise de parte do canto guarani traduzido no filme. Quem são “aqueles que são muitos?”, O que eles fizeram desaparecer? Como? Quem são os “antepassados divinos?”.

Todas essas perguntas servem para aumentar a curiosidade dos alunos em relação aos povos originários, seus costumes e seus conhecimentos. Após uma breve discussão, deve-se recomendar como tarefa de casa a pesquisa sobre alguns artistas e pensadores indígenas, como o grupo de rap OZ Guarani, a cantora Brisa Flow, o artista plástico Jaider Esbell, a educadora Cristine Takuá, o pensador Aiton Krenak ou a artista Tamikuã Txihi.

Aula 2

Retomando o contexto apresentado na aula anterior: a vida de dois povos indígenas em diferentes condições na cidade de São Paulo recomenda-se a divisão da sala em dois grupos: o primeiro deverá pesquisar informações sobre o Povo Pankararu no Real Park, o segundo deverá pesquisar sobre a Terra Indígena Jaraguá. Os alunos devem pesquisar individualmente durante 10 minutos, salvando as fontes de seus materiais e, em seguida, deverão discutir por 10 minutos em grupo. É importante chamar a atenção dos estudantes para as políticas públicas direcionadas a esses povos, como a UBS (Unidade Básica de Saúde) voltada à população Pankararu no Real Park e o CECI (Centro de Educação e Cultura Indígena) do da Tekoá Pyau, Terra Indígena Jaraguá e aos modos como essas conquistas estão relacionadas às lutas dessas populações. Em seguida, deverá haver uma apresentação de 5 minutos de cada grupo e discussão coletiva nos 15 minutos finais Essa pesquisa irá familiarizar os alunos com os territórios e dar mais contraste às diferenças entres guaranis e pankararus.

Como tarefa de casa recomenda-se que os alunos assistam a dois filmes: A vida nas últimas aldeias indígenas de São Paulo e Real Parque Encantado, sobre os Guaranis na cidade de São Paulo e os Pankararu do Real Parque, respectivamente. Além das diferenças entres as produções, os alunos devem notar que nossa intenção aqui não é promover uma comparação em termos de juízo de valor entre os povos indígenas em questão, mas salientar que, mesmo nas grandes cidades, é possível ser

indígena de muitas maneiras diferentes.

Aula 3

Visita a um território indígena. Deve-se entrar em contato com as lideranças indígenas dos Territórios Jaraguá por meio das redes sociais de pessoas de referência ou das próprias aldeias (por exemplo, o endereço da Tekoa Yvy Porã Jaraguá). Deve-se combinar os custos da visita e sobre uma vivência de turismo comunitário. Os alunos devem usar roupas confortáveis e devem ter sido incitados a pesquisar sobre a luta dos Guaranis deste território, como o bloqueio da rodovia Bandeirantes e a ocupação das antenas do Pico do Jaraguá.

3ª Atividade: a questão indígena por meio nos museus paulistas - visita ao Museu de Arqueologia e Etnologia e Tour Virtual pelo Museu das Culturas Indígenas.

Aula 1

Essa aula será dedicada à visita ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, localizado na Zona Oeste de São Paulo, na Cidade Universitária. A escolha pelo museu se justifica em seu acervo com por volta de 1.500.000 itens, incluindo itens da Etnologia Brasileira, com objetos de diversos povos do Brasil. Além da curadoria ser feita de maneira compartilhada, o museu tem por característica estar dentro da perspectiva dos museus com abordagens pós-coloniais. Isso se torna relevante, uma vez que a exposição atual do museu, chamada “Resistência já!”, foi desenvolvida por meio de uma curadoria compartilhada com os povos indígenas Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena. Dessa forma, os alunos poderão ter contato imersivo no museu em uma curadoria que valoriza as diversas etnias brasileiras, somando com os aprendizados anteriores. A exposição “Resistência já!” conta com objetos, vestimentas e fotografias selecionados pelos próprios indígenas, de forma a contar as história de seus respectivos povos.

Fonte: https://mae.usp.br/exposicao-resistencia-ja/

O MAE oferece visitas orientadas para grupos escolares com até 45 participantes, que serão divididos em duas turmas que ficarão cada qual com um Educador do museu. Na visita, além de conhecer as exposições, os alunos também poderão realizar o manuseio de objetos arqueológicos e etnográficos. O professor deverá orientar os alunos e realizar o agendamento com antecedência entrando em contato com o MAE. No site há instruções detalhadas para a visita: https://mae.usp.br/visitas-guiadas-para-grupos/ . Os alunos terão a liberdade de conversar com os Educadores e trazer seus próprios questionamentos ao longo da visita guiada.

Aula 2 e 3

Nas duas aulas previstas, será feito o Tour Virtual pelo Museu das Culturas Indígenas, conhecendo seus espaços e exposições. As aulas serão realizadas no laboratório de informática com o uso dos computadores que estarão abertos no seguinte link disponibilizado pelo site oficial do museu: https://vila360.com.br/tour/museudasculturasindigenas2/ . Os alunos poderão interagir com as exposições, lendo os textos explicativos dispostos como em uma exposição presencial. Sugere-se que o professor vá mediando o tour para que os alunos acompanhem de maneira conjunta, seguindo as exposições dispostas nos diferentes andares.

O museu em questão fica localizado no bairro Água Branca em São Paulo, sendo um projeto recente que se inicia em 2021 e é administrado pela Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Governo do Estado de São Paulo. Ele surge, sobretudo, por meio das lutas indígenas pelos direitos à terra e à educação, entrelaçando a luta com a arte indigena e pela via de possibilidades educacionais que são ofertadas por instituições museológicas. O museu já teve exibições com várias temáticas, sendo as que estão disponíveis

virtualmente e que os alunos terão acesso listadas no seguinte link: https://museudasculturasindigenas.org.br/exposicoes/decoloniza-sp-terra-indigena/

Pensando na brevidade das aulas para a complexidade dos elementos artísticos apresentados e para um melhor aproveitamento da atividade, sugerimos que a aula seja dividida em duas partes. As exposições em questão agregarão no repertório cultural dos alunos, trazendo os olhares de diversos povos brasileiros, ao mesmo tempo que, são mostras que discutem os direitos e as resistências por parte dessa população.

No final da segunda parte da aula, uma vez tendo encerrado o tour, o professor pode trazer as experiências da visita no MAE e o tour no Museu das Culturas Indígenas, dialogando com os alunos sobre a importância dessas formas de representação cultural e étnica nos museus da cidade de São Paulo, ouvindo os alunos sobre seus aprendizados com as distintas visitas.

Avaliação

Como proposta de avaliação, optamos por sugerir dois formatos, de modo que o docente poderá escolher se realizará uma ou duas avaliações. São elas:

- Propor que os alunos, com base nos conteúdos aprendidos, se organizem em grupos de pesquisas compostos por 4 ou 5 alunos e elaborem um questionário para ser aplicado com residentes do bairro em que a escola se localiza. As perguntas deverão versar sobre a questão dos indígenas na cidade de São Paulo, cabendo aos alunos, com orientação do professor, escolher o recorte em que desejam trabalhar. Uma vez aplicado o questionário, os alunos deverão analisar os dados coletados e elaborar uma apresentação para a sala de aula, mostrando os achados da pesquisa. Essa proposta tem como objetivo incitar a autonomia e a experimentação do fazer científico nos alunos,

dos quais terão contato com a elaboração e análise de dados sobre a questão, isto é, uma introdução a um dos modos de fazer uma pesquisa sociológica.

- Propor que os alunos escolham um povo que mais despertou seu interesse entre os povos que tiveram contato na ida ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e no tour virtual pelo Museu das Culturas Indígenas. Uma vez escolhido, os alunos irão se organizar em pequenos grupos com a semelhança de interesse e terão a tarefa de realizar uma pesquisa aprofundada sobre a história, cultura e visões de mundo dessa população escolhida. Também, deverão escolher um objeto ou peça de arte da população escolhida que mais os marcaram nas duas visitas, de modo a elaborar uma apresentação final apresentando o grupo étnico para a sala de aula e a obra/objeto escolhido, elaborando uma reflexão sociológica sobre o tema, que combine aspectos culturais, artísticos e críticos frente à realidade indigena brasileira.

Bibliografia

AGOPYAN, K. O indígena no contexto urbano: o caso da cidade de São Paulo. in: PAREDES, Beatriz; DAMIANI, Gerson; PEREIRA, Wagner Pinheiro (comp.). O Mundo Indígena na América Latina: olhares e perspectivas. São Paulo: Edusp, 2018.

ATHIAS, R. ; LIMA, Carmen Lúcia Silva . Indígenas na Metrópole: Os Pankararu em São Paulo. O Público e o Privado (UECE), p. 049 - 064, 01 jul. 2010.

BRAND, A. Educação escolar indígena: o desafio da interculturalidade e da equidade. Série-Estudos - Periódico Do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da UCDB, (2013). Recuperado de https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/570

BRASIL. Lei No 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n° 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura

Afro-Brasileira e Indígena. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 48, p. 1, 11 mar. 2008.

CAETANO JESUS, L.; MACHADO BÓGUS, L. M. . El «indio» que ya no está: la falsa representación indígena en los espacios de la ciudad de San Pablo. Encuentros Latinoamericanos (segunda época) , [S. l.], v. 7, n. 1, p. 131–151, 2023. DOI: 10.59999/7.1.1964. Disponível em: https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/enclat/article/view/1964. Acesso em: 13 may. 2024.

CARVALHO, Marília Pinto de. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. Cadernos Pagu, Campinas, n. 22, p. 247-290, Jun. 2004.

CLASTRES, P. Do Etnocídio. In: Arqueologia da Violência. Cosac & Naify. São Paulo. 2013.

FLEURI, R. M. . Interculturalidade, identidade e decolonialidade: desafios políticos e educacionais. Série-Estudos - Periódico Do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da UCDB, (37), p. 89–106. 2014 .https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v0i37.771

FLORES, C. G. de C.; GOMES, L. B.; CASAGRANDE, C. A. Abordagens das culturas indígenas na Educação Básica brasileira: reflexões para um ensino intercultural. Práxis Educativa, [S. l.], v. 17, p. 1–19, 2022. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.17.19332.065.

MONTEIRO, John Manuel. Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NASCIMENTO, A. C.; VIEIRA, C. M. N. O índio e o espaço urbano: breves considerações sobre o contexto indígena na cidade * The indian and the urban area: brief observations on the indigenous context in the city. Cordis: Revista Eletrônica De História Social Da Cidade, (14). 2015.

OLIVEIRA, R.da Silva; CHAGAS, D. dos R. Povos indígenas na região metropolitana de São Paulo: lutas e resistências no espaço urbano. Caminhos De Diálogo, 10(16), 100–112. 2022. https://doi.org/10.7213/cd.a10n16p100-11

PERRONE-MOISÉS, B. & SZTUTMAN, R. Uma certa confederação Tamoio. Revista Mana. 16 (2). pp. 401-433. 2010.

SOUSA, Emerson. Povos Indígenas na Metrópole: movimento, universidade e invisibilidade na maior cidade da América Latina. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo/SP. 2021.

VIEIRA, Mariane Aparecida do Nascimento. A inserção indígena nos museus. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Brasil, n. 30, p. 118–130, 2018. DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2018.144272. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/144272.. Acesso em: 13 maio. 2024.